

O feminino que acontece no corpo

Orgs: Heloisa Caldas, Alberto Murta e Claudia Murta

Ao final da conferência sobre “A feminilidade”, publicada aqui em nova tradução, Freud comenta: “Isso é tudo o que tinha a lhes dizer sobre a feminilidade. Certamente, é incompleto e fragmentado e nem sempre soa agradável. [...] Se desejarem saber mais sobre a feminilidade, consultem suas próprias experiências de vida, dirijam-se aos poetas, ou esperem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes”.

As indicações freudianas estão bem vivas, hoje em dia, na precaução contra saberes sem fraturas e no extremo respeito pela experiência subjetiva. A psicanálise do século XXI é inseparável da pesquisa clínica e atenta à vida, à arte e à cultura de seu tempo. Nossa cultura, porém, não é mais a mesma que a dos tempos de Freud. O simbólico explode e perde a força. A difusão multiplicada do imaginário acaba por torná-lo difuso. A ciência, apesar de seu enorme progresso, fracassa em responder ao real do sexo.

Sem a ilusão de saber tudo, a psicanálise persiste no delicado terreno da sexualidade. Se suas respostas não são decisivas, tampouco prescindem de rigor conceitual. Se ela abre mão da esperança depositada por Freud na ciência, cada vez mais se apoia no que recolhe da clínica dos aturdidos por um gozo estranho que lhes habita o corpo e cuja transmissão — inevitavelmente poética — produz um saber singular em contraponto às exigências do saber universal. O real da psicanálise se distingue do real da ciência: o sexual para ela é ímpar, mesmo quando há parceria.

Pautado na Orientação Lacaniana de Jacques-Alain Miller, este livro ganhou corpo pelo convite feito a colegas da EBP e da AMP para escreverem sobre *O feminino que acontece no corpo*, a partir do que nos ensina *a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Foram compilados artigos que tratam o feminino na clínica, em testemunhos clínicos e artísticos; articulam o que se dissolve de repúdio ao feminino no sintoma e o que resta incurável no *sinthoma*; discutem a forma de pensá-lo na época atual e na prática psicanalítica. O assunto não se esgota, ao contrário, se relança. Um livro que faz valer a lógica lacaniana do *nãotodo*, ousando falar do feminino no litoral do que se pode e não se pode dizer.

Heloisa Caldas